

SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0177/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 03/07/2025

Reino da Arábia Saudita e Indonésia assinam vários acordos no valor de cerca de US$ 27 bilhões




O Príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman recebeu ontem o Presidente indonésio Prabowo Subianto no Palácio Al-Salam em Jeddah.

O Reino da Arábia Saudita e a Indonésia assinaram vários acordos e memorandos de entendimento no valor de cerca de 27 bilhões de dólares entre instituições do sector privado em vários campos, incluindo energia limpa e petroquímica.

O Príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman recebeu ontem o presidente indonésio Prabowo Subianto no Palácio Al-Salam em Jeddah. Os dois lados também concordaram em reforçar a cooperação no fornecimento de petróleo bruto e seus derivados, melhorar as cadeias de suprimentos e sua sustentabilidade no campo da energia e fortalecer a cooperação no campo dos recursos minerais, disse a agência de notícias estatal saudita.

O comércio entre os dois condados totalizou cerca de US $ 31,5 bilhões nos últimos cinco anos. Os dois líderes realizaram uma sessão oficial de conversações durante a qual

discutiram as relações sauditas-indonésias e a cooperação em vários campos. Maneiras de desenvolvê-los e fortalecê-los também foram revisados, disse a SPA. Os desenvolvimentos regionais e internacionais e os esforços feitos em relação a eles também foram discutidos pelos líderes.

O Príncipe Mohammed e Prabowo também presidiram a primeira reunião do Conselho Supremo de Coordenação Saudita-Indonésia, após a qual assinaram a acta da reunião. A visita de Prabowo é sua primeira viagem oficial ao Reino da Arábia Saudita desde que assumiu o cargo. **Fonte-Reuters**.

O ministro das Relações Exteriores da Arábia Saudita discute desenvolvimentos regionais em ligação com secretário de Estado dos EUA



O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, conversou ontem por telefone com seu homólogo americano, Marco Rubio.

O ministro das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, conversou ontem por telefone com seu homólogo norte-americano, Marco Rubio, informou a Agência de Imprensa Saudita.

Durante a ligação, o Príncipe Faisal e Rubio revisaram as relações EUA-Arábia Saudita e as maneiras de melhorar a parceria estratégica entre seus países. Os últimos desenvolvimentos regionais e internacionais também foram discutidos. **Fonte-Arab News**.

Reino daArábia Saudita condena apelo de ministro israelense por soberania sobre a Cisjordânia ocupada

A ameaça de um ministro do governo para que Israel aplique a soberania total sobre a Cisjordânia ocupada foi fortemente condenada ontem pelo Reino da Arábia Saudita.

O Ministério das Relações Exteriores disse que o Reino "condenou e denunciou" a declaração feita pelo funcionário israelense pedindo a imposição de soberania sobre o território palestino.

Tal acção seria uma violação do direito internacional, disse o comunicado. A Arábia Saudita rejeita qualquer tentativa de expandir os assentamentos em terras palestinas,

acrescentou o ministério, reiterando a posição do Reino sobre a importância de Israel cumprir as resoluções internacionais.

A declaração seguiu comentários do ministro da Justiça de Israel, Yariv Levin, dizendo que "chegou a hora" de Israel aplicar a soberania em toda a Cisjordânia. Israel ocupou a Cisjordânia e Jerusalém Oriental em 1967 e construiu dezenas de assentamentos, considerados ilegais pelo direito internacional, em todo o território.

O Ministério das Relações Exteriores saudita ofereceu seu apoio ao povo palestino na restauração de seus direitos legítimos e no estabelecimento de um Estado palestino nas fronteiras de 1967, com Jerusalém Oriental como capital. **Fonte-Arab News**.

Reino da Arábia Saudita conclui partida de peregrinos iranianos



Os peregrinos do Irão ficaram satisfeitos com o apoio que receberam e com a excelente organização do Hajj.

O Ministério do Interior concluiu os procedimentos de partida para os peregrinos iranianos do Hajj que saem pela passagem de fronteira de Jadidat Arar na região das Fronteiras do Norte.

Isso foi feito seguindo as directrizes do Rei Salman e com base em uma recomendação do Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman, informou ontem a Agência de Imprensa Saudita. O objectivo era apoiar os peregrinos do Irão em meio às circunstâncias actuais em seu país e fornecer os serviços necessários até que eles pudessem voltar para casa com segurança após completar o Hajj.

O ministério, por meio de seus sectores e entidades afiliadas, empregou todos os recursos humanos e técnicos para facilitar o movimento dos peregrinos. Coordenou-se com as autoridades competentes para garantir um transporte tranquilo e organizado para a fronteira dentro de uma estrutura integrada de serviço e segurança.

Alireza Bayat, chefe da Organização do Hajj e Peregrinação no Irão, elogiou recentemente o Reino da Arábia Saudita por ajudar os peregrinos, observando a organização e os serviços de qualidade nas passagens de fronteira e outros locais.

Ele disse que os peregrinos do Irão estavam satisfeitos com o apoio que receberam e com a excelente organização do Hajj. **Fonte-Arab News**.

Chefes de departamentos de passaportes do GCC realizam reunião



Os departamentos de passaportes dos ministérios do interior dos países do GCC, por meio de uma série de reuniões conjuntas, estão se esforçando para lançarem um projecto unificado de visto de turista em um futuro próximo.

O secretário-geral do Conselho de Cooperação do Golfo, Jasem Albudaiwi, participou ontem na 39ª Reunião dos Directores-Gerais de Passaportes dos países do GCC, realizada em Riade na sede da Secretaria-Geral.

Durante a reunião, ele revisou os últimos desenvolvimentos, incluindo o projecto de visto do Golfo. Os departamentos de passaportes dos ministérios do interior dos países do GCC, por meio de uma série de reuniões conjuntas, estão se esforçando para lançarem um projecto unificado de visto de turista em um futuro próximo, disse a Secretaria-Geral em um relatório. "Todos estão trabalhando como uma equipe para acompanhar os desenvolvimentos tecnológicos e os requisitos de segurança em um mundo caracterizado por mudanças rápidas", disse Albudaiwi. **Fonte-Arab News.**

Misterioso brilho rosa ilumina os céus do noroeste do Reino da Arábia Saudita

Moradores do noroeste do Reino da Arábia Saudita ficaram intrigados com o aparecimento do que alguns descreveram como uma "mancha circular rosa brilhante" no céu noturno - com o fenômeno ocorrendo duas vezes nas últimas semanas.

O último incidente em 1º de julho deixou os moradores em busca de uma explicação para a "cena rara e desconhecida", informou a Agência de Imprensa Saudita.

Majed Abu Zahrah, chefe da Sociedade Astronômica de Jeddah, disse que uma ocorrência semelhante foi registrada em 13 de maio. "De acordo com as imagens capturadas, o local estava claramente iluminado contra o céu azul escuro ... sem som de acompanhamento ou mudanças perceptíveis na forma antes de começar a desaparecer gradualmente após alguns minutos", disse ele. Embora nenhuma confirmação científica oficial tenha sido emitida, Abu Zahrah ofereceu uma possível explicação, dizendo: "Este fenômeno pode resultar de vapores de bário, estrôncio e oxigênio ionizado liberados em grandes altitudes para estudar as camadas superiores da atmosfera (a ionosfera)."

Para os entusiastas da ciência e da astronomia em todo o Reino, ele especulou ainda: "Em tais experimentos, os vapores liberados brilham devido ao reflexo da luz solar residual após o pôr do sol em altitudes superiores a 100 km, formando pontos luminosos em rosa, azul ou verde, cujas formas são alteradas pelos ventos atmosféricos superiores.

"Abu Zahrah disse que a mancha também pode ter resultado de detritos na atmosfera superior, como restos de uma queima de foguete ou fragmentos de satélite, juntamente com nuvens de gases como hélio ou hidrogênio. **Fonte-Arab News.**

Celebrações do Dia da África em Riade se concentram na unidade e no crescimento compartilhado



Vice-Ministro das Relações Exteriores Waleed Al-Khuraiji (centro) com o Decano do Corpo Diplomático e embaixador de Djibouti Dya-Eddine Said Bamakhrama & Decano do Grupo de Embaixadores Africanos Iya Tidjani.

O vice-ministro das Relações Exteriores, Waleed Elkhereiji, reafirmou o compromisso do Reino da Arábia Saudita em fortalecer a cooperação e a parceria com os países africanos, promovendo o comércio e a integração e aprimorando a consulta e a coordenação em questões compartilhadas.

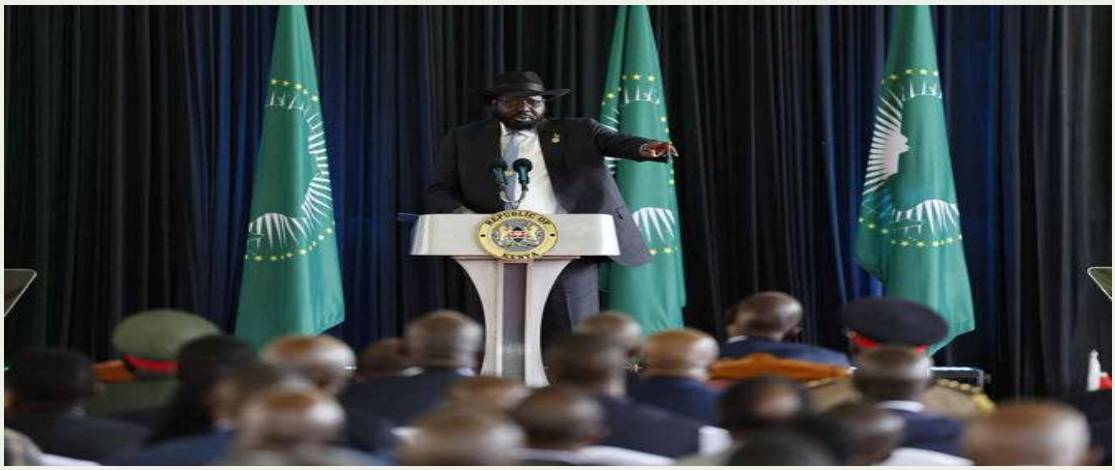
Falando na cerimônia do Dia de África no Palácio Cultural no Bairro Diplomático de Riade, o ministro descreveu a África como um continente de oportunidades com recursos naturais, uma população jovem e potencial renovável. Ele disse que os países africanos são importantes na política externa saudita, afirmando: "A África abriga o maior número de missões diplomáticas e consulares sauditas, e o Reino pretende aumentar suas embaixadas em África para mais de 40 nos próximos anos".

Elkhereiji acrescentou que o Reino forneceu mais de US$ 45 bilhões em apoio a projectos humanitários e de desenvolvimento em 54 países africanos, com a agência de ajuda saudita KSrelief sozinha entregando mais de US$ 450 milhões em assistência em 46 nações africanas.

Elkhereiji acrescentou que o objectivo do Reino era investir US$ 25 bilhões em África, garantir US$ 10 bilhões em exportações e oferecer US$ 5 bilhões em financiamento de desenvolvimento para o continente até 2030. O evento, "Justiça para africanos e afrodescendentes por meio de reparações", contou com a presença de mais de 400 convidados, incluindo autoridades sauditas, diplomatas, empresários e membros da

sociedade. O decano do Corpo Diplomático e embaixador do Djibouti no Reino da Arábia Saudita, Dya-Eddine Said Bamakhrama, destacou a importância simbólica e política do dia, chamando-o de um lembrete para buscar uma África baseada na dignidade, equidade e justiça. "É um dia de lembrança, unidade e responsabilidade coletiva. Honramos nossos ancestrais, reconhecemos a visão de nossos líderes e reafirmamos nosso compromisso com um futuro africano fundado na dignidade, equidade e justiça", disse ele. **Fonte-Arab News**.

Presidente do Sudão do Sul prepara sucessão



Presidente do Sudão do Sul, Salva Kiir.

Com o presidente do Sudão do Sul, Salva Kiir, passando por exames médicos no exterior após anos de rumores sobre sua saúde, analistas dizem que um plano foi colocado em acção para garantir sua sucessão.

Kiir voltou ontem dos Emirados Árabes Unidos, com a imprensa estatal dizendo que ele estava "explorando novos caminhos para a cooperação econômica". Mas membros de sua comitiva, falando sob condição de anonimato, disseram anteriormente à AFP que ele estava lá para exames médicos - reforçando as preocupações de longa data sobre a saúde do homem de 73 anos.

O país mais jovem do mundo, o Sudão do Sul tem sido atormentado pela pobreza e violência desde que conquistou a independência em 2011, incluindo uma guerra civil que matou cerca de 400.000 pessoas em 2013-2018.

Depois de alguns anos relativamente calmos, o país voltou a turbulência nos últimos meses, motivado, dizem analistas, pelo declínio da saúde de Kiir e seus esforços para instalar seu herdeiro aparente, o empresário Benjamin Bol Mel, no poder.

Bol Mel é uma figura controversa, que ganhou destaque como magnata da construção e dizia-se que cuidava das finanças da família Kiir. Ele foi colocado em uma lista de sanções pelos Estados Unidos em 2017 por corrupção. Durante meses, Kiir tem manobrado para afastar os rivais. Seu antigo inimigo, Riek Machar, contra quem ele lutou na guerra civil, foi colocado em prisão domiciliar em março e muitos de seus aliados políticos desapareceram na prisão. **Fonte-Arab News.**

Netanyahu promete erradicar o Hamas enquanto propostas de cessar-fogo são discutidas



O primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu fala à imprensa no Capitólio dos EUA.

O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, prometeu ontem erradicar o Hamas, mesmo com o grupo militante palestino dizendo que estava discutindo novas propostas de mediadores para um cessar-fogo em Gaza. O líder israelense ainda não comentou a afirmação do presidente dos EUA, Donald Trump, de que Israel havia apoiado um plano para uma trégua de 60 dias em sua ofensiva contra o Hamas no território devastado pela guerra.

Mas uma semana antes das negociações agendadas com Trump em Washington, ele prometeu "destruir" o Hamas "até sua fundação". O Hamas disse que estava "conduzindo consultas nacionais para discutir" as propostas apresentadas nas negociações mediadas pelo Qatar e pelo Egipto. Quase 21 meses de guerra criaram condições humanitárias terríveis para os mais de dois milhões de pessoas na Faixa de Gaza, onde Israel recentemente expandiu suas operações militares. A agência de defesa civil disse que as forças israelenses mataram ontem pelo menos 47 pessoas. Entre os mortos estava Marwan Al-Sultan, director do Hospital Indonésio, uma clínica importante no norte de Gaza, disseram autoridades palestinas. **Fonte-Reuters.**

Ministros israelenses do partido Likud pedem a Netanyahu que anexe a Cisjordânia



Palestinos recolhem seus pertences enquanto as forças israelenses se preparam para demolir casas no campo de refugiados de Tulkarem, na Cisjordânia, ontem, 2 de julho de 2025.

Ministros do gabinete do partido Likud, do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, pediram ontem que Israel anexe a Cisjordânia ocupada por Israel antes do recesso do Knesset no final do mês. Eles emitiram uma petição antes da reunião de Netanyahu na próxima semana com o presidente dos EUA, Donald Trump, onde as discussões devem

se concentrar em um possível cessar-fogo de 60 dias em Gaza e um acordo de libertação de reféns com o Hamas.

A petição foi assinada por 15 ministros do gabinete e Amir Ohana, presidente do Knesset, o parlamento de Israel. Não houve resposta imediata do gabinete do primeiro-ministro. O ministro de Assuntos Estratégicos, Ron Dermer, há muito confidente de Netanyahu, não assinou a petição. Ele está em Washington desde a passada segunda-feira para conversas sobre o Irão e Gaza.

"Nós, ministros e membros do Knesset, pedimos a aplicação imediata da soberania e da lei israelense na Judéia e Samaria", escreveram eles, usando os nomes bíblicos para a Cisjordânia capturada por Israel na guerra de 1967 no Médio Oriente. Sua petição citou as recentes conquistas de Israel contra o Irão e os aliados do Irão e a oportunidade oferecida pela parceria estratégica com os EUA e o apoio a Trump. **Fonte-Reuters.**

Hamas diz estar aberto a trégua em Gaza, mas não aceita proposta apoiada por Trump



O Hamas sugeriu ontem que estava aberto a um acordo de cessar-fogo com Israel, mas não chegou a aceitar uma proposta apoiada pelos EUA anunciada pelo presidente Donald Trump horas antes, insistindo em sua posição de longa data de que qualquer acordo ponha fim à guerra em Gaza.

O Hamas sugeriu ontem que está aberto a um acordo de cessar-fogo com Israel, mas não chegou a aceitar uma proposta apoiada pelos Estados Unidos anunciada pelo presidente Donald Trump horas antes, insistindo em sua posição de longa data de que qualquer acordo ponha fim à guerra em Gaza.

Trump disse na passada terça-feira que Israel concordou com os termos de um cessar-fogo de 60 dias em Gaza e pediu ao Hamas que aceite o acordo antes que as condições piorem. O líder dos EUA tem aumentado a pressão sobre o governo israelense e o Hamas para mediar um cessar-fogo e um acordo de reféns e acabar com a guerra.

Trump disse que o período de 60 dias seria usado para trabalhar para acabar com a guerra - algo que Israel diz que não aceitará até que o Hamas seja derrotado. Ele disse que um acordo pode ser fechado já na próxima semana. Mas a resposta do Hamas, que enfatizou sua exigência de que a guerra acabe. O oficial do Hamas, Taher Al-Nunu, disse que o grupo militante estava "pronto e sério para chegar a um acordo".

Ele disse que o Hamas estava "pronto para aceitar qualquer iniciativa que leve claramente ao fim completo da guerra". Israel e Hamas discordam sobre como a guerra deve terminar. **Fonte-Arab News**.

Hamas ordena que líder de grupo armado rival se renda



Militantes palestinos do Hamas montam guarda no dia da entrega de reféns mantidos em Gaza desde o ataque mortal de 7 de outubro de 2023, como parte de um cessar-fogo e um acordo de troca de reféns e prisioneiros entre o Hamas e Israel, em Rafah, no sul da Faixa de Gaza, em 22 de fevereiro de 2025.

Autoridades de Gaza, governada pelo Hamas, declararam ontem acusações de traição contra o líder de um grupo armado rival acusado de trabalhar com Israel durante sua ofensiva em Gaza, ordenando que ele se entregue.

Yasser Abu Shabab, de 35 anos, de acordo com a intimação do Hamas emitida ontem, é suspeito de liderar o grupo Forças Populares no sul de Gaza. A imprensa palestina diz que o grupo opera no leste da cidade de Rafah, no sul, em uma área controlada por forças israelenses, enquanto lutam contra o Hamas no território. A "autoridade judiciária militar" do governo no território governado pelo Hamas ordenou que ele "se entregasse às autoridades competentes para julgamento perante os órgãos judiciais". Ele disse em um comunicado que seu "tribunal revolucionário" "deu a Yasser Abu Shabab 10 dias para se entregar a julgamento sob a acusação de traição, colaboração com entidades hostis, formação de uma gangue armada e rebelião armada". O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, admitiu no mês passado que Israel estava apoiando um grupo armado em Gaza que se opõe ao Hamas. **Fonte-Reuters**.

Imprensa estatal síria diz que conversa sobre acordo de paz com Israel é "prematura"

A imprensa estatal síria informou ontem que as declarações sobre a assinatura de um acordo de paz com Israel foram "prematuras", dias depois de Israel dizer que estava interessado em fechar um acordo de normalização com Damasco.

"Declarações sobre a assinatura de um acordo de paz com a ocupação israelense neste momento são consideradas prematuras", disse uma fonte oficial não identificada à TV estatal. "Não é possível falar da possibilidade de negociações sobre um novo acordo, a menos que a ocupação cumpra totalmente o acordo de retirada de 1974 e se retire das áreas em que penetrou", acrescentou.

Na passada segunda-feira, o ministro das Relações Exteriores de Israel, Gideon Saar, disse que seu país tinha "interesse em adicionar países, Síria e Líbano, nossos vizinhos, ao círculo de paz e normalização, salvaguardando os interesses essenciais e de segurança de Israel". A declaração surge em meio a grandes mudanças na dinâmica de poder da região, incluindo a queda do governante sírio de longa data Bashar Assad em dezembro e o enfraquecimento de seu aliado, o grupo armado libanês Hezbollah após

sua última guerra com Israel. As novas autoridades islâmicas da Síria confirmaram que mantiveram conversas indirectas com Israel para reduzir as tensões. Desde a queda de Assad, Israel bombardeou repetidamente alvos dentro da Síria, enquanto as tropas israelenses entraram na zona tampão patrulhada pela ONU ao longo da linha de armistício de 1974 nas Colinas de Golã e realizaram incursões mais profundas no sul da Síria. O presidente interino Ahmed Al-Sharaa disse repetidamente que Damasco não busca conflito com seus vizinhos, pedindo à comunidade internacional que pressione Israel a interromper seus ataques. **Fonte-Reuters.**

Os BRICS podem remodelar a ordem financeira global?



DR. JOHN SFAKIANAKIS

02 de julho de 2025



Se o BRICS realmente quer reformular a ordem financeira, deve começar colocando sua própria casa em ordem.

Em agosto de 2023, os líderes das nações do BRICS – Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul – se reuniram em Joanesburgo para declarar sua ambição de religar o sistema internacional. Uma peça central dessa ambição era um apelo para reduzir a dependência do dólar americano. Para alguns, a ideia soou como um déjà vu; A desdolarização tem sido um tema recorrente nos mercados emergentes desde o início dos anos 2000. Mas desta vez, as apostas parecem diferentes. A polarização global está se intensificando, o armamento financeiro tornou-se normalizado e a credibilidade das instituições multilaterais existentes está se desgastando. No entanto, apesar de todo o hype, o projecto do BRICS permanece profundamente falho e desigual.

A noção de que o BRICS poderia remodelar a ordem financeira global repousa mais na aspiração do que na realidade. Embora o domínio do dólar esteja de facto sendo reavaliado - não apenas por rivais geopolíticos, mas também por potências médias pragmáticas - construir uma alternativa confiável requer mais do que descontentamento compartilhado. Exige mercados de capitais profundos, infraestrutura interoperável, instituições confiáveis e, acima de tudo, confiança mútua. Em todos esses aspectos, o BRICS ainda está lutando.

O desejo de reduzir a dependência do dólar não é simplesmente ideológico, mas uma reação a uma arquitetura financeira há muito moldada pelos interesses dos EUA. A crise

financeira de 2008 expôs os perigos da dependência global de Wall Street. As sanções de 2022 contra a Rússia, que congelaram centenas de bilhões em reservas do banco central e isolaram Moscovo do SWIFT, enviaram um sinal claro a outros membros do BRICS: seus activos podem ser transformados em armas da noite para o dia.

Mas o medo se traduz em capacidade? Não necessáriamente. Movimentos incrementais já estão em andamento. A China expandiu seu Sistema de Pagamentos Interbancários Transfronteiriços e acelerou os pilotos do yuan digital na Ásia e emÁfrica. A Índia começou a liquidar algumas negociações em rúpias, principalmente com a Rússia e os Emirados Árabes Unidos. A Rússia está desenvolvendo o Mir e o Sistema de Transferência de Mensagens Financeiras para contornar os trilhos financeiros ocidentais. O Brasil e a África do Sul estão explorando corredores de pagamento liderados por fintechs. No entanto, em conjunto, essas iniciativas permanecem fragmentadas, politicamente frágeis e institucionalmente fracas.

As contradições internas do BRICS são gritantes. O papel descomunal da China no bloco gera desconforto entre seus parceiros. O yuan permanece não conversível. Índia e China são concorrentes estratégicos. A Rússia está economicamente isolada. O Brasil e a África do Sul estão preocupados com sua própria instabilidade fiscal. O que os une não é uma estratégia monetária compartilhada, mas um impulso defensivo - um desejo de se isolar das ferramentas coercitivas do sistema actual sem concordar com uma alternativa viável para substituí-lo.

A esse respeito, o bloco BRICS ecoa o espírito do Movimento dos Países Não Alinhados da década de 1960 – nascido da frustração com a dominação das superpotências, mas muito ideológica e estrategicamente diverso para forjar uma alternativa econômica coerente. Essas aspirações são ainda mais prejudicadas por uma falta crônica de transparência fiscal e de dados em todo o bloco, o que mina a confiança dos investidores e complica os esforços para construir confiança em qualquer arranjo monetário ou institucional compartilhado.

Além disso, o dólar não é apenas um meio de troca - é um ecossistema. Da precificação de commodities e emissão de títulos aos mercados de câmbio e reservas do banco central, ele está entrelaçado no encanamento do capitalismo global. Substituí-lo exigiria uma alternativa que não seja apenas politicamente palatável, mas tecnicamente superior. O BRICS não está nem perto de entregar isso.

O Novo Banco de Desenvolvimento e o Arranjo Contingente de Reservas – apontado como a resposta dos BRICS ao Fundo Monetário Internacional e ao Banco Mundial – tiveram um desempenho inferior. Os volumes de empréstimos são limitados. As estruturas de governança são opacas. E a credibilidade de qualquer estrutura macroeconômica compartilhada permanece questionável na ausência de convergência institucional.

Mesmo as moedas digitais, muitas vezes anunciadas como uma solução de salto, não são uma bala de prata. O e-CNY da China permanece rigidamente controlado e não testado em escala. A interoperabilidade com outras moedas digitais do banco central do BRICS continua sendo uma aspiração. Além disso, poucas dessas economias inspiram confiança suficiente dos investidores para transformar suas moedas em âncoras regionais, muito menos globais.

Um ponto vale a pena repetir: os EUA podem muito bem se beneficiar de um desafio externo crível. Um empurrão do BRICS poderia servir como um tapa frio na cara - forçando os Estados Unidos a contar com a fragilidade de suas próprias vantagens. Por muito tempo, o domínio do dólar gerou complacência. Se confrontados com um desafio viável, os EUA poderiam redescobrir sua vantagem competitiva – alavancando a inovação, os mercados de capitais e o dinamismo empresarial para preparar sua liderança para o futuro.

Mas sejamos claros: o BRICS ainda não é esse desafio. É um conceito em busca de coerência - uma marca geopolítica sem capacidade operacional. Suas declarações são ousadas, mas sua execução permanece abaixo do esperado. A subutilização do Novo Banco de Desenvolvimento, por exemplo, é reveladora: com volumes de empréstimos muito abaixo das expectativas e entrega de projectos desiguais, a instituição reflecte a lacuna mais ampla entre as ambições do BRICS e sua força administrativa.

Quanto aos estados do Golfo e outras potências médias que observam essa evolução, cautela - não compromisso - é o caminho prudente. A cobertura estratégica faz sentido. Vale a pena explorar o aprofundamento dos laços financeiros com o BRICS, especialmente por meio de acordos comerciais, financiamento de infraestrutura e inovação digital. Mas abandonar o sistema liderado pelo Ocidente não é prático nem desejável.

O futuro é híbrido. Os países do Golfo continuarão a investir a maior parte de seus activos soberanos nos mercados ocidentais, administrar reservas em dólares e euros e contar com instituições ocidentais para recursos legais e estabilidade financeira. Veja o Fundo de Investimento Público do Reino da Arábia Saudita, por exemplo: apesar do aprofundamento dos laços com a China e a Índia, 40% de seu portfólio continua investido nos EUA – em acções, tecnologia, infraestrutura e imóveis. O envolvimento com os BRICS deve ser pragmático, flexível e limitado por um realismo claro.

A ordem financeira global está evoluindo - mas lentamente e com considerável atrito. A mudança da libra esterlina para o dólar levou décadas e duas guerras mundiais. Mesmo a UE, apesar de décadas de integração política e econômica e da introdução do euro, continua a lutar com divisões internas e unidade fiscal incompleta. Essa luta contínua ressalta o quão extraordinariamente difícil é construir um sistema monetário alternativo confiável. A noção de que uma aliança frouxamente costurada de economias emergentes pode replicar tal transformação - sem coordenação profunda, instituições robustas e confiança global - é, na melhor das hipóteses, prematura e, na pior, um triunfo da esperança sobre a infraestrutura.

Se o BRICS realmente quer remodelar a ordem financeira, deve começar colocando sua própria casa em ordem. Até lá, continuará sendo mais um veículo retórico do que uma força real para a transformação monetária.

O Dr. John Sfakianakis é economista-chefe do Gulf Research Center e estrategista-chefe global do Paratus Group.

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessáriamente o ponto de vista do **Arab News.**